

ECOFEMINISMO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES AFROCOLOMBIANAS PARA A PESCA ARTESANAL¹

Dorival Bonfá Neto²

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil

Kátia Souza Rangel³

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Macapá, AP, Brasil

Enviado em 7 mai. 2022 | Aceito em 17 set. 2022

Resumo: Partindo do tema ecofeminismo no contexto da afluência das demandas feministas às reivindicações ambientais e sociais, este artigo tem como objetivo propor um debate teórico entre autores que permeiam a temática e demonstrar a contribuição social das mulheres afrocolombianas do Chocó para a pesca artesanal. Justificando-o pela necessidade de dar visibilidade ao tema e ao estudo de caso, percorremos a hipótese de que as mulheres são responsáveis por diversas atividades pesqueiras, dentre as quais garantir a segurança alimentar de suas famílias e comunidades. No que se refere ao método, orientamo-nos pelo materialismo histórico e dialético, por meio do qual compreendemos as desigualdades de gênero no bojo das desigualdades sociais e da luta de classes. Quanto à metodologia, realizamos levantamento bibliográfico, análise documental, trabalho de campo com observação participante e entrevistas semiestruturadas, a partir do que concluímos que as mulheres afrocolombianas vivenciam a desvalorização das atividades que realizam e limitações de acesso aos recursos, mas ressurgem em seus contextos sociais e culturais como empreendedoras, líderes de associações, projetos e agitadoras culturais.

Palavras-chave: Ecofeminismo; Chocó; Conservação da natureza; Pacífico colombiano; Pescadoras.

ECOFEMINISMO Y CONSERVACIÓN DE LA NATURALEZA: UN ESTUDIO DE CASO SOBRE LA IMPORTANCIA DE LAS MUJERES AFROCOLOMBIANAS PARA LA PESCA ARTESANAL

Resumen: Partiendo del tema del ecofeminismo en el contexto de la afluencia de demandas feministas a las reivindicaciones ambientales y sociales, este artículo pretende proponer un debate teórico entre autores que permean el tema y evidenciar el aporte social de las mujeres afrocolombianas del Chocó a la pesca artesanal. Justificándolo por la necesidad de dar visibilidad al tema y al estudio de caso, exploramos la hipótesis de que las mujeres son las responsables por diversas actividades pesqueras, incluido por garantizar la seguridad alimentaria de sus familias y comunidades. En cuanto al método, nos guiamos por el materialismo histórico y dialéctico, a través del cual entendemos las desigualdades de género en medio de las desigualdades sociales y la lucha de clases. En cuanto a la metodología, realizamos un levantamiento bibliográfico, análisis documental, trabajo de campo con observación participante y entrevistas semiestruturadas. Concluimos que las mujeres afrocolombianas experimentan la desvalorización de las actividades que realizan y limitaciones de acceso a los recursos, pero reaparecen en sus contextos sociales y culturales como emprendedoras, líderes de asociaciones, proyectos y agitadoras culturales.

Palabras clave: Ecofeminismo; Chocó; Conservación de la naturaleza; Pacífico Colombiano; Pescadoras.

1. Esse artigo faz parte de uma pesquisa doutoral em andamento, *Territorio, modo de vida e pesca artesanal marítima no Brasil e na Colômbia*, pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. Agradecemos ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao apoio de Yussely Aguilar (ONG Manglares Vivos e advogada, Bahía Solano).

2. Geógrafo (FFLCH/USP) e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP) e em Geografia pela *Universidad Nacional de Colombia*. dorival.neto@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7570-5441>.

3. Geógrafa (FFLCH/USP), mestre e doutora em Geografia Humana (FFLCH/USP) e professora adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). katia.amis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0338-8090>.

ECOFEMINISM AND NATURE CONSERVATION: A CASE STUDY ON THE IMPORTANCE OF AFROCOLOMBIAN WOMEN FOR ARTISANAL FISHERIES

Abstract: Departing from the ecofeminism theme in the context of the affluence of feminist demands to environmental and social claims, this paper aims to propose a theoretical debate between authors who permeate the theme and demonstrate the social contribution of afro-colombians women from Chocó to artisanal fishing. Justifying it by the need to give visibility to the theme and the case study, we explore the hypothesis that women are responsible for several fishing activities and for guaranteeing the food security of their families and communities. Regarding the method, we are guided by historical and dialectical materialism, through which we understand gender inequalities in the midst of social inequalities and class struggle. As for the methodology, we carried out a bibliographic survey, document analysis, fieldwork with participant observation and semi-structured interviews, from which we concluded that Afro-Colombian women experience the devaluation of the activities they perform and limitations of access to resources, but they reappear in their social and cultural contexts as entrepreneurs, leaders of associations, projects and cultural agitators.

Keywords: Ecofeminism; Chocó; Colombian Pacific; Fisherwomen; Nature conservation.



Introdução

O debate sobre gênero e o reconhecimento da contribuição das mulheres para a conservação da natureza tem convergido com as reivindicações ambientais na academia e nos movimentos sociais. Enrique Leff (2015) afirma que o debate sobre as questões de gênero e legitimação dos direitos das mulheres converge com as pautas ambientais, demonstrando que a desigualdade de gênero e a exploração irracional da natureza estão totalmente relacionados na sociedade moderna, caracterizando-se como processos complexos aos quais as mulheres aparecem como um dos grupos mais vulneráveis às transformações ambientais.

[...] the domination of women and the exploitation of nature appear as the result of hierarchical social structures established since patriarchy and gerontocracy in traditional cultural formations, to class division and domination processes in modern societies. Ecofeminism has become a diverse and polemic field of inquiry and social action. The first manifestations arose from women's responses to the effects of environmental degradation on their labor place and living conditions. Women appeared as one of the most vulnerable social groups as a result of the social functions inherited by patriarchy and the modern social/gender division of labor. (LEFF, 2015, p.52).

Tal convergência relaciona-se, sobretudo, pelo fato de que boa parte das mulheres do mundo são produtoras ou buscadoras de alimentos e alimentadoras de famílias, assumindo a maioria do trabalho social em contextos urbanos e rurais. Isso nem sempre é visto como forma de trabalho, sendo desvalorizado, e frequentemente não é pago, como afirmam Andrews, Smith e Morena (2019, p. 8-9):

Las mujeres continúan viéndose desproporcionadamente afectadas por el hambre e invisibilizadas en los sistemas alimentarios. Sin embargo, paradójicamente, a pesar de todos los intentos por separarlas de la tierra, las mujeres constituyen la mayoría de las personas que producen los alimentos y trabajan en el sector agrícola. En muchas comunidades, las mujeres son portadoras del conocimiento tradicional sobre plantas, biodiversidad y semillas, [...] desempeñan un papel clave en la cría del ganado; la protección de bosques, ríos, lagos y mares, así como en la pesca: desde el tejido de las redes y la captura de peces, hasta el comercio y el

procesamiento de pescado. [...] Particularmente en las zonas rurales y las comunidades de clase trabajadora, el trabajo de las mujeres es 'gratuito': no se reconoce como trabajo y a menudo es considerado como un deber de la mujer. Esto complica la injusta división social del trabajo, así como la energía y la creatividad que implica el trabajo alimentario de las mujeres. Estos roles están adscritos y socialmente integrados, y requieren una reflexión constante para arrojar luz sobre nuestras propias suposiciones, así como los valores que asignamos a los roles de las mujeres y su trabajo alimentario en la sociedad.

As normas de gênero criaram imensas desvantagens para as mulheres, ainda mais intensas nas sociedades tradicionais e rurais, onde estas desempenham atividades na agricultura, no extrativismo e na pesca (ANDREWS; LEWIS, 2017). No entanto, sobretudo nos países subdesenvolvidos, as mulheres normalmente não são proprietárias das terras onde trabalham e não têm autonomia sobre os recursos manejados (TRICONTINENTAL, 2020), de modo que permanecem expropriadas dos meios necessários para realizar suas atividades e negócios. Isso demonstra que as mulheres exercem menos controle sobre a terra e usufruem menos de seus benefícios que os homens.

Yuval Harari (2017) afirma que diferentes sociedades adotam diferentes tipos de hierarquias, que são imaginadas e construídas social e culturalmente; no bojo dessas hierarquias, a hierarquia de gênero teve presença marcada em diferentes civilizações e tem sido intensificada na atualidade por práticas que limitam o acesso das mulheres aos serviços ambientais, à terra, ao trabalho e a outros recursos básicos, intensificando a pobreza e fragilizando a segurança e soberania alimentar.

Além disso, a mecanização do campo, o uso de sementes transgênicas e de insumos químicos têm afetado as mulheres, que muitas vezes são expropriadas de suas terras num processo disseminado pelas ações de empresas como ChemChina, Syngenta, Dow, Dupont, Monsanto e Bayer, que dominam a produção alimentar e o manejo das sementes nos países do Sul Global desde meados do século XX (ANDREWS; LEWIS, 2017).

Os ataques e violências contra as mulheres muitas vezes buscam reconceitualizar os alimentos, o meio ambiente e a economia, levando-as a submeterem-se ao poder das empresas e governos neoliberais. "Es a esta violencia sistémica, inherente al capitalismo patriarcal y que apuntala la crisis ecológica actual, a la que se enfrenta la lucha individual y colectiva de las mujeres por el derecho a la alimentación y la nutrición." (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019, p.7-8).

Frente a esses problemas, seguiremos as orientações de bell hooks⁴ (2017) sobre a elaboração de testemunhos acerca do rompimento de barreiras, empoderamento feminino, fim do colonialismo e rompimento do patriarcado nas práticas produtivas:

[...] temos de produzir mais trabalhos escritos e testemunhos orais que documentem as maneiras pelas quais as barreiras são derrubadas, as coalizões se formam e a solidariedade é partilhada. São esses dados que vão renovar nossa esperança e proporcionar estratégias e direções para o movimento feminista no futuro. (HOOKS, 2017, p.148).

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivos debater o ecofeminismo como conceito teórico e pontuar algumas questões acerca da desigualdade de gênero na pesca a partir da contribuição das mulheres afrocolombianas para a atividade pesqueira no Pacífico chocoano, incorporando breve caracterização da área de estudo. Para isso, foi realizada revisão bibliográfica, análise documental e de dados primários construídos durante o trabalho de campo, com entrevistas semiestruturadas e observação participante.

⁴ A autora prefere ter seu sobrenome referenciado em letras minúsculas.

Diante o exposto, o artigo está organizado com a seguinte estrutura: o primeiro tópico, *O Ecofeminismo*, debate teoricamente os conceitos apresentados, a partir do que demonstramos a intensa desigualdade de gênero presente na atividade pesqueira no segundo tópico, *Trabalho e desigualdade de gênero na pesca*, que ocorre por meio de uma hierarquia de valorização das etapas produtivas realizadas pelos homens em detrimento das etapas realizadas pelas mulheres. A problemática analisada ocorre no *Pacífico Afrocolombiano*, cuja caracterização e mapa de localização aparecem neste terceiro tópico. Na sequência, em *As afrocolombianas e a conservação da natureza*, demonstramos as efetivas contribuições daquelas mulheres no contexto da pesca artesanal e, por fim, apresentamos as *Considerações finais*.

O ecofeminismo

Como resposta à desigualdade de gênero e de acesso aos recursos naturais, alimentares e de subsistência, surgiram movimentos como o Ecofeminismo que, sobretudo após o Movimento Chipko⁵, relacionou a luta pela igualdade de gênero à conservação ambiental e reapropriação social da natureza pelas mulheres, identificando e debatendo as relações específicas entre desigualdade de gênero, trabalho e crise ambiental (LEFF, 2015).

In a first approach, ecofeminism associated the life-giving, caring and nurturing sensibility of women with nature conservation, linking feminist and environmental struggles. The Chipko movement became one of the most emblematic ecofeminist movements in the South. [...]. Within the complex scope of feminism, ecofeminism embraces the ideas, theories and practices that in a different perspective and from other strands of radical ecologism search to identify the specificity of sexual and gender relations in the genesis of the environmental crisis, as well as the status of sexual difference within power structures in the present social, economic and political order, that offsets environmental degradation. (LEFF, 2015, p.52-53).

O ecofeminismo relaciona a apropriação desigual dos recursos naturais à formação de sociedades patriarcais, cujas formações sociais masculinas dominam a organização da cultura, do pensamento e das relações de gênero, de modo que a perspectiva ecofeminista propõe a desconstrução dos papéis atribuídos ao gênero, enraizados na divisão sexual e social do trabalho imposta pela sociedade capitalista e patriarcal (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019).

[...] la violencia activa que se ejerce contra las mujeres, aunque diferenciada por raza, clase, etnia, orientación sexual o ubicación geográfica, no es nada menos que la política reaccionaria de los poderosos para defender el *status quo* de la jerarquía del patriarcado. Desde una perspectiva ecofeminista, la violencia, la discriminación y otras injusticias contra las mujeres que buscan alimentarse a sí mismas y a otras personas revelan mucho sobre el patriarcado y las "relaciones dominantes" [...]. (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019, p.13).

Além das pautas ambientais, as reivindicações do ecofeminismo incorporam a conquista de direitos civis e investigam a diferença produzida pela alteridade sexual, fundamentada em discursos que sustentam as diferenças de significação da linguagem por estruturas simbólicas (LEFF, 2015), cuja crítica abre perspectivas para a sustentabilidade ambiental e igualdade de gênero.

Feminism entails the inquiry of the socially constructed difference that has divided humanity between *mankind* and *woman being*; ecofeminism enlarges the political perspectives opened

⁵ Movimento liderado por mulheres que floresce na Índia nos anos 1970, sob a liderança de Vandana Shiva, como resultado de iniciativas independentes de comunidades tradicionais que buscavam a conservação das florestas para garantir os seus meios de subsistência com o uso sustentável dos recursos. Foi um dos principais movimentos ecofeministas provenientes do mundo subdesenvolvido, que transcendeu uma visão naturalista e socialista do problema de gênero e ambiental.

by a feminist and gendered vision of power, culture and social organization, to the relations to nature and sustainability. This inquiry goes beyond establishing the place and roles of women in a social structure and their claims for equal rights under the privileged status of men that govern the established social order. (LEFF, 2015, p.53).

As reivindicações dos direitos das mulheres, associadas à reivindicação identitária e de práticas culturais como os Sistemas Tradicionais de Produção são observadas no estudo de caso das mulheres do Pacífico colombiano, onde os grupos negros foram excluídos dos estudos acadêmicos até décadas recentes, fato ainda mais intenso no caso das mulheres, como demonstra Escobar (2015).

Assim, a visibilidade política e cultural desses grupos a partir de 1980 resulta na expansão dos estudos sobre estes, incluindo-se a questão de gênero e o universo feminino, sobretudo na Antropologia, História e Ciências Ambientais, em temas como: **a)** aspectos socioeconômicos da contribuição produtiva das mulheres; **b)** papel feminino na dinâmica cultural, religião e práticas curandeiras; **c)** protagonismo das mulheres na organização social, principalmente na família e na segurança alimentar (ESCOBAR, 2015).

Atualmente, no Pacífico colombiano, as mulheres se fortalecem e avançam respondendo às necessidades concretas de suas comunidades, assumindo grandes responsabilidades frente aos problemas que enfrentam na região: discriminação racial, de gênero e raça; baixa autoestima; perda de identidade étnica, naturalização da relação de subordinação aos homens e violência doméstica; responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado das crianças e famílias; pouca valorização e até rechaço das características fenotípicas; alta evasão escolar e altos níveis de analfabetismo; vítimas de deslocamentos forçados e baixa participação política nos espaços decisórios comunitários, onde permite-se identificar interesses em comum para a elaboração de projetos de desenvolvimento alternativos (ESCOBAR, 2015).

Segundo Andrews e Lewis (2017), os conflitos de gênero são causados e intensificam-se no bojo das relações entre patriarcado, poder, capitalismo e crise ecológica, desencadeando-se uma crise nos sistemas alimentares que ameaça a soberania e a segurança alimentar, sobretudo em comunidades tradicionais.

Como resultado, a violência de gênero impede que as mulheres – principalmente, as negras e pobres – exerçam o direito à alimentação e saúde adequadas, inclusive no interior das famílias e comunidades tradicionais.

De hecho, un largo historial de análisis feminista ha llamado la atención sobre las formas en que las mujeres, la naturaleza y los "otros" y "otras" son vistos como subordinados a la "norma" dominante del capitalismo masculino blanco. [...] las mujeres llegan a ser "alterizadas" dentro del sistema alimentario global, junto con la forma en que el poder y el patriarcado reafirman las combinaciones binarias dominantes como hombre/mujer, sociedad/naturaleza, producción/reproducción, Norte/Sur, local/global, tradicional/moderno y cultura/economía. Esta dominación y violencia se desarrolla materialmente en los cuerpos de las mujeres y su acceso a la tierra y otros recursos naturales [...]. (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019, p.13).

Desse modo, o ecofeminismo tende a identificar as práticas de apropriação da natureza nas sociedades tradicionais e/ou rurais como práticas mais "ecológicas" e menos predatórias (LEFF, 2015). No entanto, as mulheres dessas sociedades são mais submissas ao machismo e a organizações patriarcais que nas sociedades urbanas/ocidentais. Por exemplo, a pesca segue percebida como atividade principalmente masculina, apesar das atividades que antecedem e sucedem a pesca serem realizadas pelas mulheres, bem como a captura do pescado, as quais são subestimadas.

Neste universo machista e patriarcal da pesca, as mulheres são invisibilizadas diante a valorização dos homens como “chefes de família” e principais responsáveis pela captura do pescado, que é a etapa de trabalho considerada mais importante, ao passo que as mulheres são vistas – e assumem-se – como auxiliares e meras preparadoras de alimentos, de modo que a falta de reconhecimento do papel feminino na pesca e outras atividades primárias (agricultura e extrativismo) dificulta o alcance do desenvolvimento sustentável, aumentando a pobreza e enfraquecendo a soberania alimentar (LOUREIRO, 1985).

Esse fato demonstra como a cultura determina papéis sociais e relações com a natureza, construindo relações culturais de gênero submissas para as mulheres, o que é colocado por Leff (2015, p.54-55):

From original sexual division, cultural gender differences are constructed: the domineering reasoning and objectifying will of men; the caring sensibility of women in Western modern culture; their contrast with more spiritual, holistic, ecological and non-possessive oriental and traditional cultures. Ultimately, culture distributes social roles and configures different forms of gender-beings in their relations to nature.

Apesar do contexto opressor, as mulheres representam 60% das comerciantes de frutos do mar na Ásia e África, desconsiderando-se aquelas que não se identificam como pescadoras ou que não realizam a captura do pescado, de modo que os sistemas estatísticos não registram, também, as contribuições daquelas nas atividades de subsistência, produção familiar e pequeno comércio (FAO, 2016, 2020). Porém,

Women are mostly responsible for skilled and time-consuming onshore tasks, such as making and mending nets, processing and marketing catches, and providing services to the boats. In western Africa and Asia, as much as 60 percent of seafood is marketed by women, and in many parts of the world they also do a significant amount of shellfish gathering/clam gleaning – a fishery activity that is often under-recognized, or not recognized at all. Sectoral statistical systems (such as those for fisheries) commonly fail to capture these broader contributions to livelihoods, nor do they consider women’s engagement in fishery/shellfish harvesting activities (as the products are often not sold through a formal market system, may not be of high value, or may be used for home consumption). (FAO, 2016, p.1-2).

O relatório da FAO (2016) pontua as seguintes oportunidades para abordar a igualdade de gênero e empoderamento feminino na pesca: **a)** focar nas mudanças em curso nos meios de subsistência, na família e na comunidade; **b)** investigar as mudanças que ocorrem na cadeia de valor; **c)** analisar o que as mulheres podem fazer com os recursos que têm disponíveis; **d)** formular indicadores que embasem políticas de ação afirmativa às mulheres na pesca; **e)** coletar e disseminar estatísticas divididas por sexo; **f)** combinar os fatores de pobreza e desigualdade de gênero para avaliar estratégias de intervenção; **g)** buscar oportunidades de mercados; **h)** prover mais incentivos e aumentar os investimentos no processamento dos pescados, função realizada majoritariamente por mulheres; e **i)** promover o dinamismo das mulheres, sobretudo em áreas rurais.

Isso porquê as identidades, experiências e o acesso à alimentação adequada das mulheres são questões marcadas não só pelo gênero mas também pela etnia, classe, localização geográfica, identidade sexual, habilidades etc. Nesse sentido, Andrews, Smith e Morena (2019) pontuam os seguintes fatores que devem ser levados em conta para os debates acerca da relação das mulheres com a natureza e alimentação: **a)** as mulheres possuem papel central nos sistemas alimentares, mas são as mais afetadas pela fome; **b)** por isso, é fundamental visibilizar o trabalho produtivo feminino; **c)** o sistema alimentar atual depende do modelo extrativista, que causa destruição ecológica dos bens comuns, dos quais as mulheres dependem; **d)** a cultura patriarcal, desigual e violenta é

defendida pelos estados modernos, sobretudo os neoliberais; **e)** a participação social e política das mulheres se expressa também na resistência diária, em movimentos sociais e na alimentação de outras pessoas e **f)** não podemos subestimar a ira e a resistência das mulheres para melhorar as relações sociais e ecológicas, frente a atual crise civilizatória.

Por sua vez, as afrocolombianas do Chocó são a maioria também no preparo de alimentos oriundos da pesca e aquicultura; no caso dos municípios de Bahía Solano, Nuquí e em seus *corregimientos* (aglomerações menores que a sede municipal), há mulheres pescadoras que preparam o pescado para o comércio e vendem-no; participam de organizações comunitárias, associações e conselhos comunitários; realizam atividades agrícolas como o preparo da terra, plantio, cuidado e colheita, seleção das sementes e cuidado dos animais domésticos; cuidados com a casa, crianças e idosos. No entanto, muitas das mulheres que estão envolvidas nesses processos não são reconhecidas como pescadoras, bem como a renda obtida com a pesca não é igualmente repartida.

Trabalho e desigualdade de gênero na pesca

A FAO (2020) estima que aproximadamente 59,51 milhões de pessoas no mundo estão engajadas na captura de pescados, sendo 38,98 milhões na pesca e 20,53 milhões na aquicultura, sendo que a concentração dessa força de trabalho é majoritária na Ásia (85%), seguida da África (9%), América (4%), Oceania (1%) e Europa (1%) (FAO, 2020).

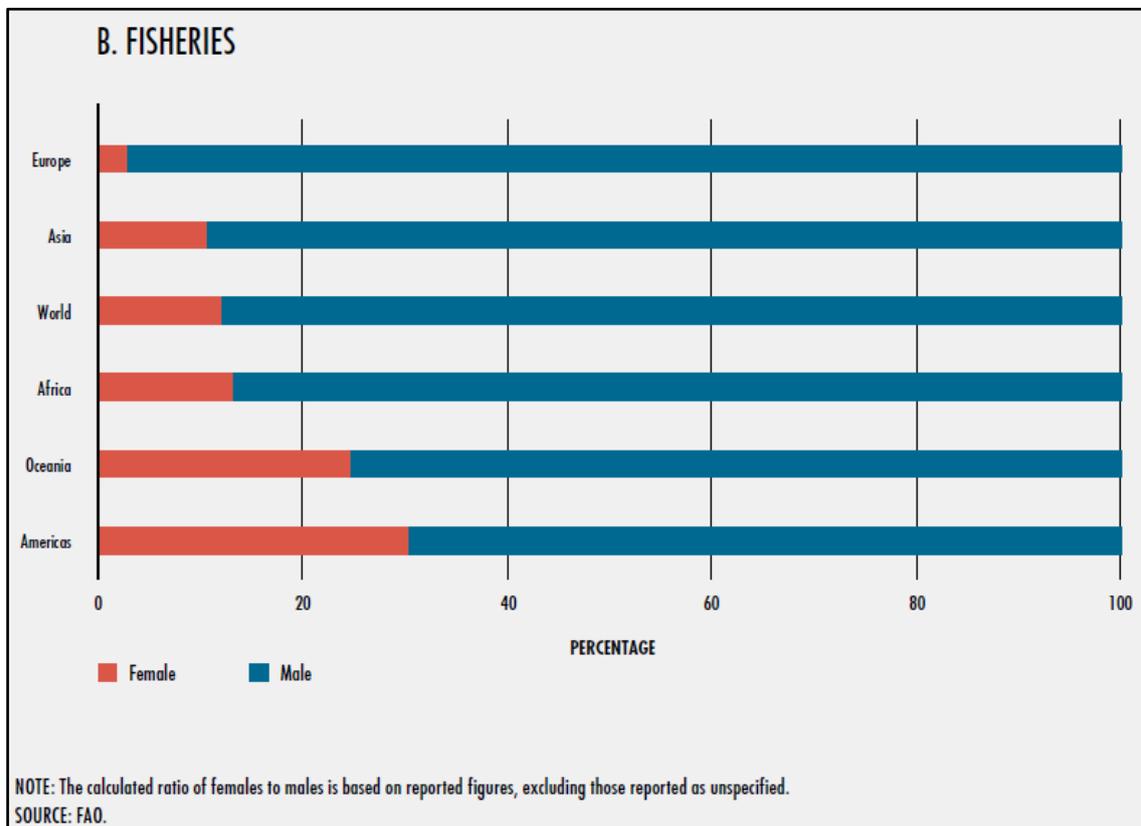
Deste total, as mulheres correspondem a, aproximadamente, 50% da força de trabalho dispendida nas pescarias artesanais, 19% da força de trabalho na aquicultura e 12% na pesca industrial, totalizando cerca de 36 milhões de pescadoras (BANCO MUNDIAL, 2012), sendo que a América é a região com a maior proporção de trabalho feminino nas pescarias, aproximadamente 30% (FAO, 2020).

Enquanto a participação masculina é predominante na captura do pescado, as mulheres são responsáveis pelas etapas pré e pós captura, como arrumar e organizar os aparelhos de pesca, preparar o alimento para que o companheiro consumirá durante a pescaria, limpar os pescados, prepará-lo para o consumo familiar e beneficiá-los para comércio, agregando maior valor de troca, além de também capturar o pescado em barcos pequenos ou canoas.

Assim, tanto na pesca como na aquicultura, a repartição dos resultados do trabalho é desigual, o que é mais uma expressão da desigual valorização social do trabalho, baseado nas diferenças de gênero, criando uma hierarquia que atribui maior valor de troca ao trabalho masculino. Isso relega o trabalho feminino ao centro da crise ambiental e do sistema capitalista (TRICONTINENTAL, 2020).

Os dados divulgados pelo Comitê de Oxford para Alívio da Fome (OXFAM, 2020), corroboram com este entendimento: mais de 75% dos trabalhos não pagos no mundo é realizado pelas mulheres, sendo que 42% delas são excluídas do mercado de trabalho, enquanto que, para os homens, esse número é de 6%, uma vez que as tarefas domésticas e cuidado da família não são vistas como trabalho, não são remuneradas, ou são mal remuneradas e/ou são desvalorizadas socialmente (TRICONTINENTAL, 2020), além do que, anualmente mais de 90.000 mulheres são vítimas de feminicídio (OXFAM, 2020).

Gráfico 1 - Porcentagem de trabalhadores envolvidos na pesca por gênero e continente



Fonte: FAO (2020, p.40).

No entanto, estima-se que metade da força de trabalho na produção e comércio de frutos do mar seja feito por mulheres, apesar da falta de dados estatísticos consistentes acerca das etapas que sucedem a captura.

Globally, the proportion of women in the total work force in aquaculture (19 percent) is larger than that in fisheries (12 percent). Overall, women play a crucial role throughout the fish value chain, providing labor in both commercial and artisanal fisheries. Where appropriate technologies and capital are at their disposal, they also act as small-scale entrepreneurs, particularly in household-level cottage operations. In most regions, women are less involved in offshore and long-distance capture fishing. [...] In small-scale coastal fisheries, women are generally responsible for skilled and time-consuming onshore tasks, or they manage the smaller boats and canoes going out for fishing. [...] However, it must be emphasized that sex-disaggregated data are not sufficient to reflect the reality and the real position of women working in the various segments of the industry. In particular, such data do not reflect their role and responsibilities, their access and control over resources, assets, credits, information, training and technology, nor the power they have (or do not have), their decision-making, and nor their access to leadership. (FAO, 2020, p.39).

Diversos estudos pelo mundo têm demonstrado que a participação das mulheres na produção dos meios de subsistência resulta na melhor qualidade de vida e soberania alimentar, havendo a necessidade do reconhecimento desse trabalho (ANDREWS; LEWIS, 2017; ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019).

Las mujeres que experimentan las injusticias y luchan por la soberanía alimentaria están en sus cocinas, en el mercado, en el campo y en las ciudades, fortaleciendo una continua resistencia. Algunas están combatiendo el acaparamiento de tierras por parte de empresas estatales y mineras, a menudo en contextos de violencia e intimidación. [...] Otras mujeres participan en los consejos locales de alimentos en sus ciudades, o en espacios internacionales de gobernanza alimentaria (ANDREWS, SMITH, MORENA, 2019, p.13).

Por isso, a desigualdade de gênero na divisão social do trabalho na pescaria confirma que a exploração e opressão própria da sociedade patriarcal e de classes transcendem os aspectos econômicos, alcançando também os aspectos culturais, sociais, políticos e morais que contribuem para a manutenção de uma lógica injusta para as mulheres.

O Pacífico afrocolombiano

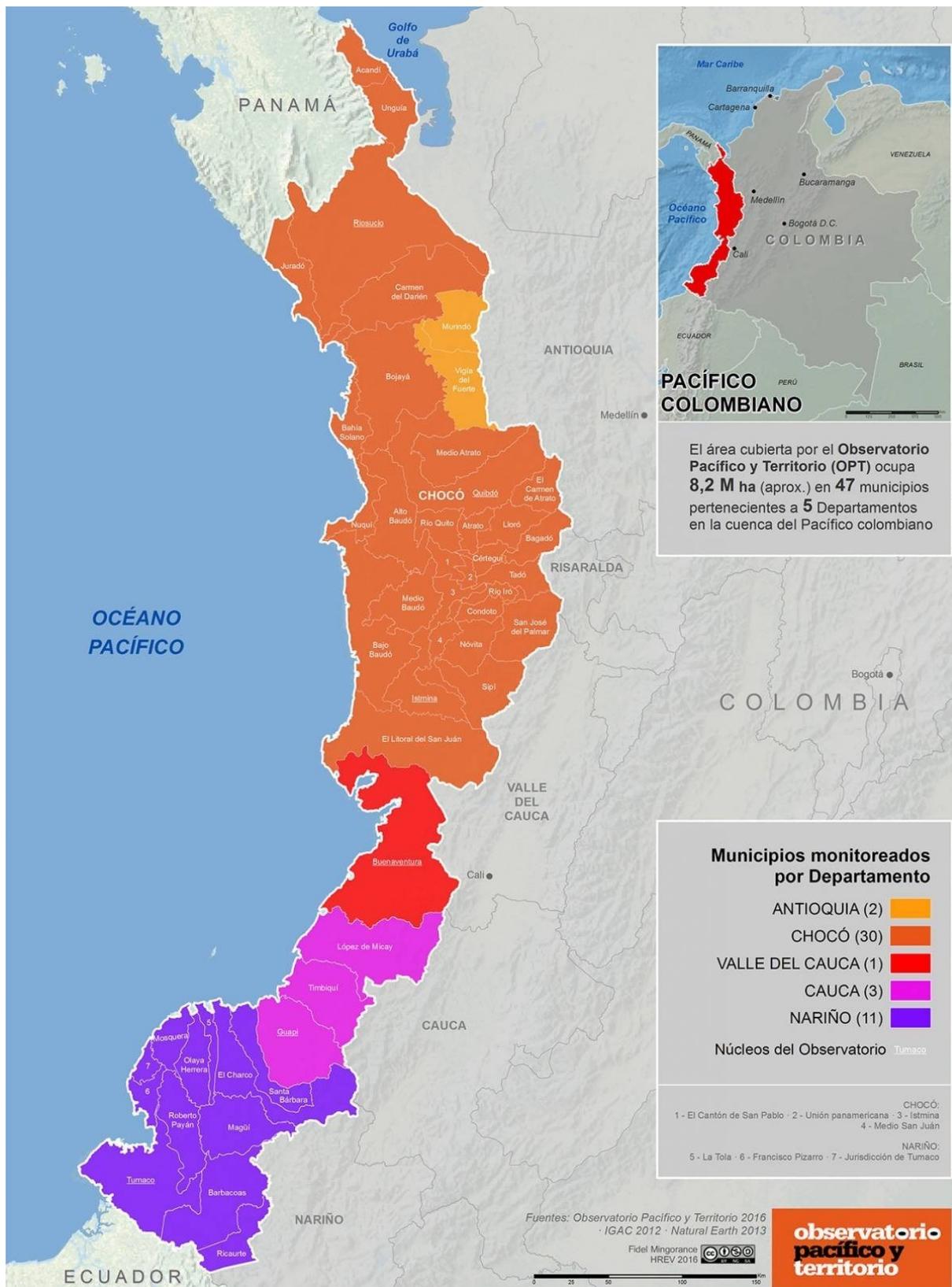
A região do Pacífico afrocolombiano possui uma área de 116.000 km² e uma extensão de norte a sul de 1.495km (DÍAZ; GALEANO, 2016), abrangendo quatro departamentos: Chocó, Valle del Cauca, Cauca e Nariño e 15 municípios, sendo Bahía Solano, Tumaco e Buenaventura os principais municípios litorâneos (DEFENSORIA DEL PUEBLO, 2016).

Arturo Escobar (2015), bem como os ativistas sociais da região, a chamam de Pacífico Biogeográfico ou Chocó Biogeográfico, em referência aos processos geológicos, biológicos, políticos e socioculturais. A região é ocupada de maneira dispersa, formando cidades de pequenos portes, praias e *corregimientos*, onde os habitantes reproduzem um modo de vida (NABARRO, 2014; RANGEL, 2017; SUZUKI, 2013) apoiado em costumes ancestrais e consentâneo às condições mais extremas do mar e da floresta, como a extrema umidade que chega à 12.000 mm anuais (DÍAZ; GALEANO, 2016).

No que se refere à população, mais de 90% do total aproximado de 650.000 habitantes da zona costeira (a maioria afrodescendentes) vive nos cascos urbanos dos municípios, que concentram as principais atividades comerciais e serviços da região (DÍAZ; GALEANO, 2016). Lá existem pequenas comunidades afrocolombianas, habitantes de diversas origens étnicas indígenas e migrantes⁶ (UMAÑA, 2014). Toda essa diversidade cultural e socioambiental só se faz possível a partir da manutenção dos múltiplos territórios existentes como elemento determinante da reprodução material e imaterial do modo de vida das sociedades afrocolombianas e indígenas, baseado na pesca, na agricultura e no extrativismo.

⁶ Como os *paisas*, provenientes do Departamento de Antioquia (UMAÑA, 2014).

Mapa 1 - Pacífico afrocolombiano



Fonte: Observatorio Pacífico y territorio (2016).
 Disponível em: <https://pacificocolombia.org/pacifico-colombiano/>. Acesso em 03 nov. 2020.

As afrocolombianas e a conservação da natureza

Entre conversas e entrevistas com pescadores, pescadoras e companheiras de pescadores, percebemos que há avanços na valorização da participação feminina nas atividades pesqueiras e resgatamos o conceito de “indústria familiar” (CANDIDO, 2010), originalmente utilizado nas análises acerca da organização do trabalho camponês, em referência à organização do trabalho familiar na pesca, ao que observamos que, normalmente, o beneficiamento e o preparo dos alimentos também são realizados pelas mulheres.

Desse modo, tanto nas comunidades agrícolas como pesqueiras, as mulheres possuem um grande papel no cuidado dos filhos e socialização das crianças no universo pesqueiro, no manejo das hortas, de pequenas plantações e no preparo dos alimentos, desempenhando um papel fundamental nos sistemas alimentares, que inclui a produção, preparo e comércio, além da partilha e destino das sobras alimentares (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019).

Esses fatores são observados na fala de Dona Candida García, uma líder social em Nuquí:

CG: Bueno, en ese caso el papel de la mujer en la pesca es algo muy valioso. Porque siempre la mujer está al tanto de la alimentación, de los hijos, del marido cuando se va a pescar que le hacemos lo que aquí nosotros llamamos el lonche, o decimos fiambre. Entonces la mujer es la que se levanta para cocinarle al marido el lonche o fiambre para irse a pescar, cuando regresa la mujer está al tanto, de que llegó con el pescado de la comida. Como hoy se ha vuelto comercial el pescado, el marido llega a veces de una vez allá. Y lo vende, unos que otros llegan a sus casas con el pescado y conjunto con la mujer venden y dicen bueno dejemos este pa' darle al vecino, al hermano, al que sea que le quieran dar. Y está al pie la mujer de todas esas cosas. Entonces la mujer es la base de la pesca, y está al tanto, de que se fue, si llegó, si no llegó, o hay que irlo a buscar porque no ha llegado, porque se desespera la mujer cuando los hombres se van (...). Ya en el caso económico, pues ya ahí sí ellos se pondrán de acuerdo de que llegan y dice “me hice esto, qué vamos a hacer”, otros dirán “oye mi plata, tal bolsillo, me voy a tomar una botella de biche mal frío, pa que no me de dolor o que se caiga la señorita, la niña”. Entonces con esta “platica” nos fue bien, me voy a tomar esta botella de biche, se va y deja la mujer (risas). **(Candida García, 65 anos, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 18h00min.)**

Dona Cecilia e Carmem Manega, esposas de pescadores, relataram as atividades que realizam para viabilizar a pescaria, como a organização dos materiais de pesca, o preparo do café e do lanche necessário ao pescador durante a *faena* (saída para a pescaria, como eles se referem):

C: Soy esposa de pescador. He salido sí allá con él, conozco los equipos y todo. Yo preparo el pescado, el pescado se hace sudado, cocinado pues, se frita, se asa, se ahúma, todo eso sí. Y cuando mi esposo sale a la faena yo le hago el lanche, me levantaba a las 2, 3 de la mañana para hacer el lanche, y ayudarle a llevar también las herramientas de trabajo. **(Dona Cecilia, idosa, Chambacú, Bahía Solano, 18 de janeiro de 2020, 10h57min.)**

CM: La importancia es que la mujer deja todo listo para el pescador cuando sale a pescar, yo me imagino que esa es la importancia que hay, que ellos se sientan acompañados por uno y todas esas cosas. Que ellos cuando salgan a pescar tengan su comida hecha, sus equipos listos. **(Carmen Manega, 47 anos, cozinheira, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 15h09min.)**

Muitas mulheres comercializam alimentos preparados com pescados, como empanadas e *chorizos* (linguiças), além de preparar o pescado para o consumo de todo o núcleo familiar, garantindo a segurança alimentar deste.

EG: Más que todo es la mujer que trae el alimento a la casa, más que todo eso. Y la mujer es la que hace el lanche, arregla las cosas, está pendiente de lo que va a llevar, más que todo cuando ellos están allá, ellos llaman para que de pronto les mandemos anzuelos, nylon, para organizar el espinel, o para hacer ripeo para igual mandarme pescado a mí, entonces yo le colaboro con

eso, entonces tengo que esperar que otro pescador vaya hasta allá para mandarle eso. Y cuando él trae el pescado nos toca arreglarlo. Porque es que nosotros acá consumimos mucho pescado. Yo ayer estaba buscando atún para hacer unas empanadas y no encontré. Hace como 3 días no hay atún en el pueblo, no sé si es que no lo han encontrado o no han salido a pescar, pero no hay atún. Y nosotras necesitamos más que todo porque hay unas que hacemos unas empanadas para vender y tener nuestro dinero, y no encontramos atún, y esto nos perjudica bastante. Y más que todo hay unas mujeres que son negociantes y venden el pescado, lo exportan, salen mujeres emprendedoras acá. Y también yo conozco muchas mujeres acá como campesinas, que son mujeres que les compran el pescado a los pescadores y lo revenden. O las que tienen su marido pescador y él los trae y ellas venden aquí o lo mandan a Medellín, a Quibdó o a lugares así. Acá yo también conozco algunas mujeres que son pescadoras. **(Evelin Gamboa, 20 años, esposa de pescador, Chambacú, Bahía Solano, 31 de janeiro de 2020, 09h52min.)**

Nota-se que as mulheres participam ativamente das atividades que antecedem a pescaria (preparar os aparelhos de pesca, o lanche, etc.), durante a pescaria (cuidar dos filhos, esperar o esposo, cuidar da casa, participar das *faenas*) e após a pescaria (beneficiar o pescado, prepará-lo para consumo ou vendê-lo), assumindo papel primordial na organização social do trabalho em famílias de pescadores, contradizendo o mito do trabalho feminino como auxiliar (TAVARES DOS SANTOS, 1980).

No entanto, por ainda serem consideradas apenas auxiliares, as mulheres e suas atividades são as mais afetadas pelas mudanças e impactos socioambientais (ANDREWS; SMITH; MORENA, 2019): desflorestamento, escassez ou má qualidade de água ou de outros recursos, pois elas são as responsáveis por coletar a madeira e a água e por preparar e buscar os alimentos para a família.

A marginalização da participação feminina na pesca também é demonstrada pelo fato de que as instituições responsáveis pela gestão e organização da atividade pesqueira trabalham com homens e para os homens, uma vez que as políticas de pesca se concentram no setor de captura, cujo predomínio é masculino, de modo que os programas de desenvolvimento pesqueiro têm, historicamente, negligenciado as atividades femininas.

Esta situação atualmente está em mudança por conta da crescente participação das mulheres nos processos decisórios, manejo e comercialização do pescado (FAO, 2016), mas limita-se diante a frágil identidade pescadora de muitas mulheres, que não se identificam como pescadoras, embora saibam pescar e pratiquem a atividade desde a infância com o objetivo de contribuir para a alimentação da família e/ou vender os produtos e subprodutos do mar.

A não afirmação desta identidade é outro problema de gênero no universo da pesca (FAO, 2016), assim como também o é a não afirmação da identidade étnica e racial afrocolombiana (ISOLDI, 2021).

Além desses processos, muitas mulheres também obtêm alimentos por meio do extrativismo de ostras e mariscos nos manguezais, que é uma forma de uso e apropriação dos territórios pesqueiros chamada de *piangua*⁷ (*Anadara tuberculosa*), realizada exclusivamente por mulheres e crianças, principalmente nos dias de "*puja*" (marés extremas ou de sizígia), com o uso das mãos ou varinhas de metal, conforme o relato de Carmem Manega e Candida Garcia:

CM: Por acá se cocina todo natural, pescado, piangua, cangrejo, mariscos, muchas comidas de marisco por acá. [...] allá por el manglar, unos pianguan por allá. Por aquí hay muchas mujeres que pianguan. A usted le pueden llevar exactamente donde hay muchas mujeres que pianguan, que hay un grupo de mujeres que pianguan bastante. Yo no pianguo ya, pero si estuve mucho años, piangué mucho, sacaba mucho, pero ya no. **(Carmen Manega, 47 años, cozinheira e esposa de pescador, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 15h09min.)**

⁷ Uma libra de *piangua* custa 14.000 pesos colombianos (US\$3,69 em 16 jun. 2020).

CG: Yo Pianguaba también sí. Pero en esa época uno pingaba bien. Por ejemplo, como es manglar, uno se montaba en una rama, e iba montado y uno miraba las pianguas grandes, y donde estaba las grandes es que uno bajaba a cogerlas, donde estaban las pequeñas no. Uno iba montado en su "ñangla", uno decía ñanglas, porque son las ramas que van, porque hay unos árboles de mangle que son "gateador", entonces uno va por encima de eso. Y uno iba así recolectando las pianguas grandes. Eso ya uno la tiene que sacar de la tierra, del barro, porque ya uno no la ve, está muy escasa. Todo cambia, todo en la vida cambia, así uno no quiera, todo cambia. Todo ha cambiado. **(Candida García, 65 años, activista cultural e líder social, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 18h00min.).**

O processo de aprendizagem e socialização da mulher com a pesca dá-se com outras mulheres e, também, com homens da família ou amigos, que as ensinam a pescar de maneira lúdica, olhando, ajudando e pescando junto, como nota-se nas falas abaixo:

CG: Yo aprendí a pescar porque venga, habían unas amigas, cuando en mi juventud ellas iban a pescar. Aquí en Nuquí las mamás las llevaban pequeñas, por eso es que digo que el mismo Estado da a que los muchachos aprendan, porque anteriormente las mamás se embarcaban con sus hijos, a hacer actividades diferentes. Entonces habían unas amigas que las mañan las llevaban a pescar, entonces cuando las mañan no iban, ellas iban, y me invitaban. Entonces yo me iba en esa gallada, con las amigas a pescar, entonces así fui aprendiendo, porque mi mamá no era de las pescadoras, mi papá sí pero en el mar, no acá dentro. **(Candida García, 65 años, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 18h00min.).**

L: Desde pequeñita, yo comencé a pescar como desde los 13 años, pero no en mar afuera, sino en el río, con vara. Y ya después dejé la vara, y empecé a pescar con boya, pescaba con canaleta y en la lancha. [...] Mi papá me enseñó a pescar, pero con vara. Y después ya aprendí a pescar viendo. **(Luber, 50 años, pescadora e artesã, Coquí, Nuquí, 26 de janeiro de 2020, 10h53min.).**

EG: Aprendí a pescar en mi niñez, porque igualmente a los nativos de acá les gusta la pesca, a la mayoría le gusta. Y pues la pesca de línea es la única que sé pescar, ya mi esposo si sabe lo que es el espinel, lo que es ripeo y todas las clases.

DBN: ¿Quién le enseñó a pescar?

EG: Mis tíos, mis primos, yo iba a la "Esso" a pescar y me antojé, con un nylon, anzuelo y me tiré a pescar, con mis amigos y todo eso. A veces ahorita voy a pescar, pues me gusta mucho la pesca, voy por diversión, por tener pescado en la casa, porque nada mejor que uno ir a pescar el mismo pescado que uno se va a comer, es lo mejor, a mí me parece lo mejor, mejor que comprarlo. **(Evelin Gamboa, 20 años, esposa de pescador, Bahía Solano, 31 de janeiro de 2020, 09h52min.).**

Os conhecimentos e funções das mulheres são transmitidos aos filhos como maneira de socialização. Algumas mulheres classificam suas funções como "de dentro da casa" (cuidar da casa, da família, cozinhar, beneficiar o pescado, vendê-lo, consertar os aparelhos de pesca, enrolar as redes e espinhéis, ajudar a transportá-los, preparar o lanche das *faenas*, pescar em canoas menores, *pianguar* etc.), enquanto os homens realizam os trabalhos "de fora da casa" (capturar o pescado e vendê-los). Embora não seja exclusivamente assim em todos os casos, isso ocorre em boa parte das famílias, como notado na fala de Carmem, cozinheira de seu restaurante e esposa de pescador em Nuquí.

CM: Mi marido se va a pescar y yo le hago el *fiambre*, llega por la mañana con el pescado y yo se lo ayudo a destripar, arreglar para vender, a limpiar, filetear, y lo vendemos. Le ayudo con el motor de la lancha, llevar el canaleta, todo hasta que quede bien y entonces él se va. Él tiene su trabajo de afuera y yo como mujer dentro de casa. Ya mis hijas mujeres me ayudan en la casa, con el pescado, a arreglarlo, congelarlo para que lo tenga listo.

DBN: ¿Y cómo usted enseña a su hija a hacer estas cosas?

CM: Porque me miran haciendo lo que yo hago, cuando yo estoy ellas lo hacen. Saben hacer de todo. **(Carmen Manega, 47 años, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 15h09min.).**

Neste movimento de superação, as mulheres de muitas regiões do mundo têm se tornado importantes empreendedoras no setor pesqueiro, controlando significativas quantias de dinheiro e financiando uma variedade de empresas de processamento e comercialização dos pescados (FAO, 2016; 2020), gerando renda às famílias e comunidades, o que também é observado no Pacífico colombiano com as mulheres processadoras, que vendem empanadas e *chorizos*.

Estas mulheres organizaram cooperativas como a *Asociación de Mujeres Para el Mercado del Pescado* (MASMEPEZ), em Bahía Solano, por meio das quais disseminam informações sobre os pescados, técnicas de processamento e meios para a comercialização.

Mesmo com a participação das mulheres como pescadoras, empreendedoras e comercializadoras, muitas percebem-se com inferioridade em relação aos homens, bem como sua contribuição às atividades produtivas empreendidas pela família e consideram que as realizam de maneira pior, ou que a atividade é, sobretudo, para os homens, como observado na fala de Luber:

DBN: ¿Hay muchas mujeres que son pescadoras acá?

L: Sí.

DBN: ¿Y cómo ves a las mujeres pescando, en una actividad que es hecha más por los hombres?

L: Pues los hombres la hacen mejor porque son más buenos, la pesca la mayoría es para los hombres, es para los hombres, sino que acá uno tiene que adaptarse a todo. Hacer cosas que necesita, a mí pues me gusta la pesca, yo sigo pescando.

DBN: ¿Vas a pescar cuántas veces a la semana?

L: Pues hay semanas que no voy y hay otras que voy como dos veces.

DBN: ¿Vas sola?

L: Sí, pero pa' cá [apuntando para el lado del río], para afuera voy solamente con mi esposo, a veces él me lleva. [...]

DBN: ¿Piensa que es más difícil para las mujeres pescar, que para los hombres?

L: Sí, es más difícil porque la pesca es más para los hombres.

DBN: ¿Por qué?

L: Porque eso es difícil las mujeres que les gustan, las mujeres les gustan otras cosas. Entonces la pesca, sobre todo ahora es para los hombres. **(Luber, 50 anos, pescadora e artesã, Coquí, Nuquí, 26 de janeiro de 2020, 10h53min.)**

Embora parte dos homens reconheça a importância essencial da mulher no circuito produtivo pesqueiro, ainda predomina a visão patriarcal e machista que subestima o papel feminino na pesca, tanto por parte dos homens como, também, das mulheres, conforme nota-se na fala de Luis, a seguir, em que se afirma que a mulher limpa e cozinha o pescado para o consumo do homem, mas, contraditoriamente, a pesca não é um modo de vida (RANGEL, 2017) e nem trabalho para as mulheres.

LG: La mujer no interviene en eso, porque el pescador llega con su pescado arreglado. Para sustento si ahí ella lo hace claro. Lo limpia, lo cocina para su esposo. Pero el que se come le arregla el hombre. Lo hace el hombre ahí en el mar. Todo viene arreglado. El hombre le hace todo, la mujer no interviene en la parte de la pesca, no interviene.

DBN: ¿Y hay mujeres pescadoras?

LG: Muy pocas, y no lo hacen como medio de vida, lo hacen como cuando el esposo le dice 'vamos a coger unos pescaditos para la comida', pero no es medio de vida, no es su trabajo. **(Luis Guerrero, 69 anos, pescador e aposentado, Bahía Solano, 23 de janeiro de 2020, 15h17min.)**

Entretanto, muitos homens corroboram com a participação das mulheres na pesca, reconhecendo sua importância:

BL: Les ayudan a arreglar, por ejemplo cuando traen lo pescado por acá por la casa, lo que queda pues para producir, se trae lo pescado y con la mujer se encarga de organizarlo, filetearlo,

arreglarlo, salarlo, y mantenerlo bien en la nevera. (Bairon Luna, 24 anos, pescador e trabalha com turismo, El Huíña, Bahía Solano, 15 de janeiro de 2020, 18h26min.).

HO: Bueno, cuando llega el pescado la manipulación, puede ser de empacarlo, si hay cómo empacarlo al vacío. La parte de limpieza y la transformación de ahí para exportarlo y mandarlo a otra parte ¿sí? Y la preparación, el lanche. (Harry Ovidio Asprilla, 47 anos, pescador, agricultor e guia de ecoturismo, Coquí, Nuquí, 26 de janeiro de 2020, 10h35min.).

DBN: ¿Y cuál cree que es la importancia de la mujer en la pesca?

PH: Aaaah sí, la mujer ayuda a veces a “destripar” los pescados. La mujer hace muchas cosas, cuida de los muchachos, uh.

DBN: ¿Hay pescadoras acá?

PH: Sí, también pescan. También mujeres pescan, yo ya he salido a pescar con mujeres. (Plácido Hurtado, 62 anos, pescador e agricultor, Coquí, Nuquí, 26 de janeiro de 2020, 12h04min.).

Para além da pesca, as mulheres também são as responsáveis por realizar alguns dos Sistemas Tradicionais de Produção (ESCOBAR, 2015), como as hortas, os pomares e as *zoteas* (hortas que ficam levantadas do chão) e pela agricultura de maneira geral. Essas hortas e *zoteas*, além de prover o alimento e manter uma economia (em alguns casos), também fortalecem um intercâmbio social por meio da troca de sementes *criollas*, saberes e produtos, o que também ocorre na pesca.

Esse conhecimento a respeito das formas de manejo tradicional fica visível na fala de Carmem, que atualmente trabalha como cozinheira no restaurante dela e do esposo pescador. Na fala, a violência também aparece através do deslocamento forçado⁸, que no caso fez com que a mulher deixasse de praticar a pesca e agricultura:

CM: Nací en un pueblo que se llama Tribugá, allá se vive de la pesca y yo aprendí a pescar con mi mamá, ella era pescadora y vivía de eso, ella y mi papá también sembraban maíz, arroz, y de eso vivíamos. En aquella época pescábamos en una lanchita con canaletes de nylon, cuerdas y anzuelos, trasmallo y chinchorro también, mi papá vivía de eso. Y así me criaron, pescando. Pescábamos mar afuera y en el estero también. Conozco el pargo, el bravo, el burique, el alguacil, el rancho, la sierra, muchos, conozco muchos pescados, la chopá, la cherna, el burel, muchos, muchos [risas].

DBN: ¿Y usted también aprendió a sembrar?

CM: Sí claro, porque ese es el ejemplo que nos dieron.

DBN: ¿Y siguió pescando hasta cuándo?

CM: Hasta unos 12 años, después no fuimos por la violencia, todas estas cosas. (Carmen Manega, 47 anos, cozinheira, Nuquí, 24 de janeiro de 2020, 15h09min.).

Um lugar que aparece como fundamental para a construção das relações de sociabilidade entre as mulheres e que envolve a prática dos Sistemas Tradicionais de Produção, são os pátios traseiros ou laterais das casas, onde desenvolve-se boa parte dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres, como os cultivos, lavanderias e, em alguns casos, cozinhas, troca de alimentos, favores, conversas etc., caracterizando-se como lugares importantes para a sociabilidade feminina, assim como os bares os são aos pescadores.

Considerações finais

Conclui-se que, em comparação aos homens, as mulheres são mais impactadas por problemas relacionados à segurança e soberania alimentar, dificuldade de acesso à tecnologia, ao financiamento de projetos, aos recursos naturais que manejam, comercialização de produtos,

⁸ A moradora disse que foi deslocada de Tribugá (Nuquí), onde há um megaprojeto de construção de um porto e a atuação de grupos armados ilegais.

flutuação de preço de suas mercadorias, pressões sociais e/ou culturais que limitam suas possibilidades e oportunidades de reprodução social, além de, frequentemente, serem as que responsabilizam-se por suprir as necessidades diárias de subsistência e cuidado de suas famílias.

Nas comunidades afrocolombianas do Pacífico, as mulheres e homens possuem funções pré-determinadas: enquanto os homens se destinam às tarefas que requerem maior força física e maior tempo longe de casa, as mulheres estão encarregadas dos aspectos produtivos que antecedem e sucedem o trabalho masculino, garantindo a segurança alimentar, socialização e integração familiar, a identidade cultural e o sentimento de pertencimento ao território lugar.

Desse modo, a defesa da biodiversidade e das culturas perpassa as mulheres e a luta pela defesa de igualdade de gênero, cuja resistência também perpassa a defesa de projetos de desenvolvimentos alternativos, o combate à desinformação, falta de acesso aos recursos, à educação, cultura e à terra por parte das mulheres, pois a terra, a cultura e o trabalho devem ser vistos como elementos da segurança e soberania alimentar, além autonomia das mulheres.

Tendo em vista o importante papel das mulheres no processo de produção alimentar (pesqueiro, extrativista e agrícola) a valorização de sua participação deve equiparar-se aos homens, bem como nos processos decisórios, acesso aos recursos materiais, tecnológicos, financeiros, educação formal e complementar, de modo que suas necessidades e aspirações sejam atendidas, melhorando a eficiência, rentabilidade e sustentabilidade de suas atividades.

Para fortalecer o processo social global destas comunidades, através da reafirmação da identidade, é necessário assumir a importância das funções reproduzidas pelas mulheres na casa, nas ruas, no bairro, na pesca, na socialização das crianças e na formação das gerações futuras, como sendo o epicentro dos sistemas alimentares.

Diante o exposto, propomos a implementação de políticas públicas e programas que aumentem o acesso das mulheres aos seus direitos civis, serviços básicos, trabalho e cultura e, que estas, bem como suas famílias, comunidades e organizações as apoiem na realização das atividades produtivas, aumentando sua participação e suas vozes nos processos decisórios, diminuindo a pobreza e a desigualdade de gênero.

No Pacífico chocoano já se tem muitos espaços de resistências das mulheres, especialmente onde elas participam da produção alimentar de pequena escala agrícola, extrativista e pesqueira; elas são as donas dos saberes, dos sabores e dos fazeres, as “mães dos pratos”, que conhecem a terra. Além disso, as afrocolombianas desempenham papel fundamental na soberania alimentar e estão surgindo como empreendedoras, líderes de associações, projetos, organizações e agitadoras culturais, entre outras funções e possibilidades que são desempenhadas pelas mulheres e seus conhecimentos.

Referências

- ANDREWS, D.; SMITH, K.; MORENA, A. (2019). Enfurecidas: las mujeres y la naturaleza. In: OBSERVATÓRIO del Derecho a la Alimentación y a la Nutrición (org.). *El poder de las mujeres en la lucha por la soberanía alimentaria*. Alemanha: Pan para el mundo/FIAN internacional, p. 6-17. Disponível em: https://www.righttofoodandnutrition.org/files/rtfn-watch11-2019_esp_b.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.
- ANDREWS, D.; LEWIS, D. (2017). *Decolonising Food Systems and Sowing Seeds of Resistance*. Johannesburg: African Centre for Biosafety / University of the Western Cape, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318213110_Decolonising_Food_Systems_and_Sowing_Seeds_of_Resistance. Acesso em: 08 jun. 2021.
- BANCO MUNDIAL. (2012). *Hidden Harvest: the global contribution of captures fisheries*. Report nº 66469-GBL. Washington D.C.: World Bank. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/515701468152718292/pdf/664690ESW0P1210120HiddenHarvest0web.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.
- CANDIDO, A. (2010). *Os parceiros do Rio Bonito*: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- DEFENSORIA DEL PUEBLO. (2016). *Problemática humanitaria en la Región Pacífica colombiana*. Bogotá: Defensoría delegada para la prevención de riegos de violaciones a los derechos humanos y DIH. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2017/11053.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- DÍAZ, J.M.; GALEANO, J. (2016). El entorno biogeofísico. In: DÍAZ, J.M.; GUILLOT, L.; VELANDIA, M. C. (orgs.). *La pesca artesanal en el norte del Pacífico Colombiano: un horizonte ambivalente*. Bogotá: Fundación Mar Viva, p.15-27.
- ESCOBAR, A. (2015). *Territorios de la diferencia: Lugar, movimientos, vida, redes*. 2 ed. Popayán: Universidad del Cauca.
- FAO, FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. (2020). *The state of world fisheries and aquaculture*. Roma: FAO. Disponível em: <http://www.fao.org/documents/card/en/c/ca9229en/>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- FAO, FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. (2016). *Promoting gender equality and women's empowerment in fisheries and aquaculture*. Fisheries and Aquaculture Department of FAO. Disponível em: <http://www.fao.org/3/i6623e/i6623e.pdf>. Acesso em 09 jun. 2020.
- HARARI, Y. N. (2017). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 28 ed. São Paulo: LPM.
- HOOKS, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ISOLDI, I. A. (2021). *Territorialidades amefricanas e estados nacionais no Brasil e Colômbia*. Doutorado em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina/Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEFF, E. (2015). Political Ecology: a Latin American Perspective. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 35, p. 29-64. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/44381>. Acesso em: 27 set. 2021.
- LOUREIRO, V. R. (1985). *Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia*. Belém: CNPQ e Museu Paraense Emílio Goeldi.
- NABARRO, S. A. (2014). *Modo de vida e campesinato no capitalismo: contribuições, limites e construção de um entendimento do campesinato como modo de vida*. Doutorado em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo.
- OXFAM. (2020). *Time to care: Unpaid and underpaid care work and the global inequality crisis*. Oxfam International. Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/research/time-care>. Acesso em: 08 out. 2020.
- RANGEL, K. S. (2017). *Modo de vida e território na Reserva Extrativista do Rio Cajari (Amapá)*. Doutorado em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo.

- SUZUKI, J. C. (2013). Território, modo de vida e patrimônio cultural em sociedades tradicionais brasileiras. *Revista Espaço e Geografia*, v. 16, n. 2, p. 627-40. Disponível em: <http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/view/272/197>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. (1980). *Os colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec.
- TRICONTINENTAL. (2020). *Feminist Studies # 1: Women of Struggle, Women in Struggle*. Tricontinental Institute for Social Research. Disponível em: <https://thetricontinental.org/studies-feminisms-1>. Acesso em: 08 out. 2020.
- UMAÑA, J. C. (2014). *Colombia compleja*. Bogotá: Jardín Botánico José Celestino Mutis / Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander Von Humboldt.